O CONTEXTO DE TRABALHO E A SAÚDE MENTAL DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

Vanessa Larisse Soares Nunes[1]; Rogério Ferreira Marquezan[2].

[1]Aluno do Curso de Medicina; Campus de Palmas; e-mail: vanessalarisse@mail.uft.edu.br
"PIBIC/CNPq, PIBITI/CNPq ou PIBIC/CNPq/AF ou PIBIC/UFT ou PIVIC/UFT"
[2]Orientador (a) do Curso de Medicina; Campus de Palmas; e-mail: rfm@mail.uft.edu.br

RESUMO

Introdução: O estudo desenvolvido no âmbito da iniciação científica visou analisar as condições de trabalho do ACS e suas implicações na execução de tarefas no âmbito da Atenção Básica tendo em vista a ocorrência da Pandemia da Covid -19, tendo por foco disponibilizar equipamentos e informações que possam propor melhores condições de trabalho para esses profissionais. **Material e Métodos:** A pesquisa bibliográfica foi realizada nos meses de maio, junho e julho com levantamento de informações a partir de busca nas bases de dados do portal periódicos da CAPES, LILACS e Google Acadêmico. **Resultados e Discussão:** Encontrou-se três categorias temáticas presentes nos artigos selecionados que envolvem a atuação desse profissional no contexto da pandemia da COVID -19: o reconhecimento da posição estratégica dos ACS (elo dos moradores com o sistema de saúde), a necessidade de reorganização do trabalho do ACS e as limitações humanas e materiais. **Conclusão:** os limites para atuação do ACS na pandemia ampliam as dificuldades existentes anteriormente à COVID -19, sendo evidentes as dificuldades de acesso devido à violência ou às vulnerabilidades sociais que demandam articulação política e intersetorial.

Palavras-chave: Agentes Comunitários de Saúde; Trabalho; COVID – 19

INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde criou em junho de 1991 o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), o qual foi estendido para o Programa Saúde da Família (PSF), com o intuito de estimular a reestruturação das práticas de atenção básica nas organizações municipais. Assim, os profissionais que compõem as equipes de saúde da família (ESF) são: o médico, o enfermeiro, um a dois auxiliares ou técnicos de enfermagem e quatro a seis agentes comunitários de saúde (ACS) (SILVA e MENEZES, 2008).

Rotineiramente o ACS vive inúmeras circunstâncias que lhes causam apreensão. Como mora no mesmo local em que trabalha, experimenta com mais vigor a rotina da comunidade, tanto as particularidades positivas quanto as negativas, do que os demais componentes da equipe de saúde. Evidencia-se que a existência de profissionais agitados no ambiente de trabalho pode promover a diminuição do rendimento nas equipes de saúde, a desestruturação do serviço, dificuldades de comunicação e a ineficácia nas atividades (URSINE; TRELHA; NUNES, 2010).

Dessa maneira, a falta de articulação de políticas públicas que envolvam medidas tanto de segurança como de saúde parecem ser alguns dos problemas de ordem estrutural que afeta o trabalho do ACS. A existência de entraves relacionados à gestão administrativa, a falta de políticas que incentivem a organização do trabalho em equipe para apoiar a execução das ações dos ACS e atender às demandas comunitárias são as principais hipóteses que constituem os principais problemas que impedem a ampliação do acesso à saúde por meio do trabalho do ACS, impasses esses que podem ter sido agravados em decorrência da pandemia da Covid-19.

O estudo desenvolvido no âmbito da iniciação científica visou analisar as condições de trabalho do ACS e suas implicações na execução de tarefas no âmbito da Atenção Básica tendo em vista a ocorrência da Pandemia da Covid -19, tendo por foco disponibilizar equipamentos e informações que possam propor melhores condições de trabalho para esses profissionais.

OBJETIVOS

Avaliar como o contexto da pandemia de COVID-19 influenciou as condições de trabalho dos agentes comunitários de saúde.

MATERIAL E MÉTODO

Foi desenvolvido estudo de revisão narrativa de literatura. A revisão narrativa permite, conforme Rodgers, *et al.* (2007), a descrição e discussão teórico-reflexiva de estudos em relação a um tema relevante e atual, haja vista que proporciona o acesso e o processamento do conhecimento e de ideias inéditas acerca da temática estudada, possibilitando a reformulação do tema de forma organizada e estruturada em curto espaço de tempo. Tal método foi escolhido com a finalidade de proporcionar uma educação continuada, já que constitui papel fundamental na atualização do conhecimento acerca do trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde no decorrer da Pandemia da Covid-19.

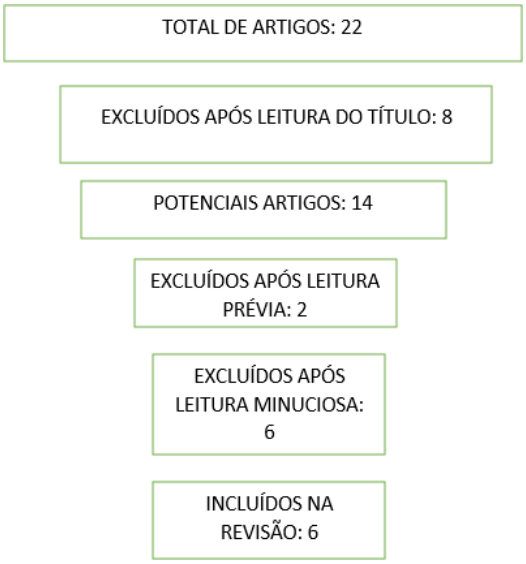
A pesquisa bibliográfica foi realizada nos meses de maio, junho e julho com levantamento de informações a partir de busca nas bases de dados do portal periódicos da CAPES, LILACS e Google Acadêmico. Foram utilizados os seguintes descritores padronizados pelos Descritores em Ciências da Saúde (Decs): Agentes Comunitários de Saúde, Trabalho, COVID – 19. Foram incluídos artigos disponibilizados na íntegra, no período de janeiro de 2020 a julho de 2021 nos idiomas português, inglês e espanhol, e que tivessem como temática principal o contexto da pandemia de Covid – 19 e as condições de trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde.

Os títulos e resumos das publicações foram revisados e analisados, segundo os critérios de inclusão. Foram excluídas as publicações que não contemplaram os Agentes Comunitários de Saúde como sujeito principal do estudo, ensaios e debates. Os artigos selecionados foram submetidos às seguintes etapas procedimentais: (I) revisão dos resumos para seleção dos artigos relevantes; (II) leitura de todos os artigos relevantes na íntegra; (III) análise crítica das evidências; (IV) extração de resultados.

Das 22 referências obtidas, inicialmente nas três bases de dados pesquisadas, 8 não se relacionavam com o tema. Após leitura dos resumos, 8 estudos foram elegíveis, distribuídos nas seguintes bases: 2 (LILACS), 2 (CAPES) e 4 (GOOGLE ACADÊMICO). As 8 publicações restantes foram lidas na íntegra e analisadas de

acordo com a temática central. Após refinamento do material encontrado, 6 estudos foram incluídos nesta revisão narrativa (Figura 1).

Figura 1: Fluxograma de seleção dos artigos. Palmas - TO, 2021.



Fonte: Próprio autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 6 artigos selecionados, 1 foi encontrado na base de dados da Capes e os outros 5 na plataforma LILACS.

Com a finalidade de esclarecer qual o contexto de trabalho dos ACS no âmbito da Atenção Básica, foram agrupadas três categorias temáticas presentes nos artigos selecionados que envolvem a atuação desse profissional no contexto da pandemia da COVID -19: o reconhecimento da posição estratégica dos ACS (elo dos moradores com o sistema de saúde), a necessidade de reorganização do trabalho do ACS e as limitações humanas e materiais.

RECONHECIMENTO DA POSIÇÃO ESTRATÉTICA DOS ACS (ELO DOS MORADORES COM O SISTEMA DE SAÚDE)

O ACS desempenha uma função única ao incorporar o vínculo entre a população e as unidades de saúde, operando em conformidade com as ações e os princípios requisitados pelos contextos de trabalho, desenvolvendo práticas de assistência e

instrução em saúde, objetivando sempre o bem-estar e a qualidade de vida da comunidade (GALAVOTE et al., 2011).

A atuação do ACS funciona como um elo entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Entretanto, esses profissionais enfrentam situações contrastantes, pois lidam com as intervenções em saúde e o cenário real dos locais em que vivem e também trabalham (SILVA e MENEZES, 2008). Diante disso, evidencia-se um trabalho que vai além das atividades preconizadas pelas regras do Ministério da Saúde, denotando uma versatilidade de encargos com o intuito de contemplar da melhor forma as necessidades da comunidade. Para os autores Vasconcellos e Costa-Val (2008), o ACS vive uma perspectiva de dualidade, em que enfrenta cobranças tanto dos serviços de saúde como da própria população. Em virtude disso, podem desenvolver problemas de saúde, como estresse, ansiedade e diversas outras doenças.

No contexto da pandemia, percebe-se que o trabalho do ACS passou a ter um protagonismo maior quando trata-se da assistência à Saúde, possuindo um papel estratégico para a tomada de decisões. Embora existam uma série de obstáculos que os ACS vêm sofrendo, observa-se um consistente movimento na literatura científica que procura reiterar a importância estratégica de reestruturar e fortalecer as políticas ligadas à prevenção em saúde no momento atual (TARPANI, 2021).

Duarte et al. (2020, p. 3) enfatizam que os ACS têm realizado o fundamental trabalho de levar informações epidemiológicas de seu território às equipes de saúde, aproveitando-se de sua já estabelecida proximidade com a comunidade. Ademais, os ACS contribuem para o levantamento de dados sobre o avanço e desenvolvimento das infecções no território, à medida que oferecem acompanhamento e orientações no interior das UBS, não só de maneira presencial, mas também por meio das diversas ferramentas de comunicação.

As informações contidas da literatura acerca da continuidade do cuidado referem-se às práticas de educação em saúde, vigilância e acompanhamento de casos suspeitos. Os ACS são reconhecidamente os principais sujeitos que fornecem à população informações sobre prevenção e contenção da infecção, além de orientações sobre a quais equipamentos de saúde devem se dirigir conforme a gravidade dos sintomas observados. Além disso, os ACS realizam a função de informar corretamente a população, desmentindo as numerosas *fake news* que surgem a respeito da disseminação do vírus ou mesmo dos mecanismos de prevenção (CABRAL et al., 2020)

REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DO ACS

A COVID -19 representa um enorme desafio para qualquer sistema de saúde sendo um dos maiores obstáculos sanitários dos últimos anos, o que influencia diretamente na organização dos elementos que compõem o processo de trabalho, alterando, especialmente, a prestação do cuidado em saúde no território. Assim, há inevitavelmente a necessidade de readequação e aprimoramento de conceitos, estruturas, processos e práticas de vigilância em saúde, de forma articulada com a rede de atenção à saúde no território (MACIEL et. al., 2020).

A consciência, o engajamento e sensibilização da comunidade sobre aspectos das doenças, adoção de medidas de segurança e combate ao estigma, além de rastreamento de contatos do território são medidas adotadas internacionalmente pelos ACS em contextos de pandemia (BHAUMIK et. al, 2020). Nesse cenário, o contexto de trabalho do ACS na atual conjuntura pandêmica, extrapola o trabalho já desenvolvido anteriormente e assim, são inclusas novas demandas como aquisição de saberes, aperfeiçoamento de práticas e utilização de novas ferramentas, como as tecnologias de informação e comunicação e as mídias sociais (MACIEL et. al., 2020).

Observa-se que essa reorganização do trabalho se torna ainda mais imprescindível quando fala-se em cidades interioranas e aquelas de difícil acesso sendo necessárias incorporação de novas ações para o enfrentamento da pandemia devido a existência de desafios advindos das barreiras geográficas, telefonia, características das moradias, elevada prevalência de doenças comuns e deficiência de profissionais na zona rural.

À medida que as funções dos ACS foram reorganizadas também percebeu-se a necessidade de tecnologias de maior complexidade tais como equipamentos de proteção além de maior aparato técnico e informacional às quais, muitas vezes, os ACS não têm acesso (TARPANI, 2021). Dessa maneira, a redução da quantidade de profissionais para exercer o vínculo com a comunidade tem sido uma realidade, haja vista a contaminação desses profissionais pelo coronavírus e a necessidade de liberação daqueles que fazem parte do grupo de risco.

LIMITAÇÕES PARA O TRABALHO DO ACS

É explícita na literatura a existência de complicações específicas do contexto de trabalho do ACS durante a pandemia de COVID-19 que recaem sobre os históricos problemas dos ACS. Ressalta-se que a precarização do trabalho do ACS, a sua exposição direta aos riscos de contágio, a maior vulnerabilidade social e a sobrecarga afetiva e ocupacional pela posição ocupada frente à população torna-os profissionais que necessitam de especial atenção por parte da gestão e das próprias equipes de saúde, sendo necessários, sobretudo no período pandêmico, suportes psicossociais para esses profissionais (TARPANI, 2021).

As limitações territoriais são marcantes no contexto de trabalho do ASC, sendo citada inúmeras vezes nos artigos estudados, embora possa apresentar variações a depender da localidade em que o estudo é desenhado. A dificuldade que os agentes de saúde possuem para acessar um determinado local é fator que merece ser evidenciado, haja vista que muitas vezes, frequentam locais dominados por organizações criminosas, lugares em que há assédio de moradores e aqueles em que existe um contexto relacionado à violência doméstica. Não obstante, a violência no território também se configura como um dos principais empecilhos para a plena atuação do ACS no enfrentamento da COVID-19, já que sua resolução não depende apenas da gestão em saúde, mas sim de políticas intersetoriais. Dessa maneira, a construção de uma política de enfrentamento à COVID-19, com participação do ACS, deve considerar, além de seu adequado treinamento na prevenção e detecção de COVID-19, ações intersetoriais de prevenção à violência no território (MEYER, et. al; 2021).

Além disso, em regiões mais afastadas, como em comunidades ribeirinhas e rurais encontra-se desafios advindos das barreiras geográficas, telefonia, características das moradias, elevada prevalência de doenças comuns e deficiência de profissionais da área da saúde como médicos e enfermeiros. Todos esses fatores, somados aos aspectos sociais precários, próprios de algumas residências, dificultam o trabalho do ACS no sentido de impedir a difusão de informações essenciais para o cuidado e prevenção de novos casos.

Dessa forma, não é difícil perceber que o sentimento de insegurança prevalece e caracteriza o contexto de trabalho do ACS frente a pandemia de COVID -19. Esse sentimento, no entanto, ganhou novas dimensões embora esse profissional já incorpore situações de medo em sua prática. O contato próximo com os usuários e a circulação pelo seu território definem comportamentos de risco no contexto da pandemia,

entretanto a falta de esclarecimento de suas funções e o não reconhecimento, à princípio, como profissional "linha de frente" impede que sejam demandados investimentos na qualificação desse profissional, bem como, na oferta de materiais e equipamentos de proteção para a completa realização de sua fundamental atuação no canário da COVID -19.

CONCLUSÃO

O reconhecimento da função estratégica do ACS no período pandêmico resume-se na oferta de equipamentos e tecnologias favoráveis à atuação desse profissional como peça-chave na "linha de frente", embora esta não seja uma realidade evidente em todo o território nacional, sendo as capitais de grande e média urbanização as mais privilegiadas. A importância da qualificação profissional contínua também ganhou destaque, haja vista que esta foi a base para a reorganização do trabalho do ACS que agora passa a desenvolver um trabalho voltado ao aperfeiçoamento de práticas e utilização de novas ferramentas, como as tecnologias de informação e comunicação e as mídias sociais, já que a pandemia impôs limites físicos à atuação do ACS.

Não obstante, os limites para atuação do ACS na pandemia ampliam as dificuldades existentes anteriormente à COVID -19, sendo evidentes as dificuldades de acesso devido à violência ou às vulnerabilidades sociais que demandam articulação política e intersetorial. Até a presente etapa, o estudo limitou-se à pesquisa bibliográfica sendo esta importante ferramenta para o conhecimento da realidade vivida pelo ACS no decorrer da pandemia da COVID -19, sendo esta etapa reconhecida como um passo essencial que antecede a pesquisa de campo, a qual foram encontradas barreiras para sua execução quais sejam: as limitações de acesso aos postos de saúde e a dificuldade no recrutamento de Agentes Comunitários para a entrevista, já que muitos encontravam-se afastados devido adoecimento ou em trabalho remoto. Somado a esses fatores, ressalta-se o recrudescimento da pandemia no decorrer do período de estudo que culminou com a prorrogação da coleta de dados e entrevistas que irão compor as próximas etapas do estudo e ocorrerão com segurança e maior aparato técnico, haja vista a formação de base literária eficaz para finalização da presente pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Universidade Federal do Tocantins.

LITERATURA CITADA

BHAUMIK S, MOOLA S, TYAGI J, NAMBIAR D, KAKOTI M. **Community health workers for pandemic response: a rapid evidence synthesis.** Rev. BMJ Global Health, Vol. 5 (6), 2020; Disponível em: https://gh.bmj.com/content/bmjgh/5/6/e002769.full.pdf Acesso em: 28 de Agosto de 2021.

CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira *et al*. Precisamos Vencer o Covid-19: Refletindo o Papel da Atenção Básica e Agentes Comunitários de Saúde. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Jaboatão dos Guararapes (PE), vol. 14, n. 51, p. 40-50, 2020.

DUARTE, Rafael Bezerra *et al*. Agentes Comunitários de Saúde Frente à COVID-19: vivências junto aos profissionais de enfermagem. **Revista Oficial do Conselho Federal de Enfermagem**, Brasília (DF), vol. 11, n. 1, 2020.

GALAVOTE, H. S. et al. Desvendando os processos de trabalho do agente comunitário de saúde nos cenários revelados na Estratégia Saúde da Família no município de Vitória (ES, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 231–240, 2011.

MACIEL, F. B. M. et al. **Agente comunitário de saúde: reflexões sobre o processo de trabalho em saúde em tempos de pandemia de Covid-19**. Rev. Ciência & Saúde Coletiva, Vol. 25(Supl.2). p. 4185-4195, 2020.

MEYER, V. et al. **Violência e vulnerabilidade no território do agente comunitário de saúde: implicações no enfrentamento da COVID-19.** Ver. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 26, n. 02, p. 657-668, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.29922020 Acesso em: 28 de Agosto de 2021.

RODGERS, M., ARAI, L., BRITTEN, N., PETTICREW, M., POPAY, J., ROBERTS, H., *et al.* **Narrative systhesis in systematic reviews**. Manchester: ESRC Reserch Methods Programme, 2007.

SILVA, Andréa Tenório Correia da; MENEZES, Paulo Rossi. **Esgotamento profissional e transtornos mentais comuns em agentes comunitários de saúde.** Revista de Saúde Pública, Vol. 42, n. 5, p. 921-929, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-89102008000500019 Acesso em: 28 de Agosto de 2021.

TARPANI, Bruno**. Percepções de gestores de saúde sobre o trabalho de agentes comunitários de saúde na pandemia de covid-19.** Monografia (Tese) – Instituto de Saúde, Secretaria do Estado da Saúde. São Paulo, 2021.

URSINE, B.L; TRELHA, C.S; NUNES, E.F.P.A. O Agente Comunitário de Saúde na Estratégia de Saúde da Família: uma investigação das condições de trabalho e da qualidade de vida. **Rev. Bras. Saúde Ocup**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 327- 339, 2010.

VASCONCELLOS, N.P.C; COSTA-VAL, R. Avaliação da qualidade de vida dos agentes comunitários de saúde de Lagoa Santa-MG. Rev. de APS. v. 11, n. 1, p. 17-28, 2008.